A INSTITUIÇÃO ESCOLAR COMO AGÊNCIA DE PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE NA SOCIEDADE DISCIPLINAR

Erick Vinícius Santos Gomes
Professor Ms. na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN).
erickvsg@gmail.com

Sheila Danielle Fernandes de Souza
Graduanda do curso de pedagogia da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN)
Sheiladanielle23@hotmail.com

Introdução:

O presente artigo resulta da necessidade de se compreender a prática pedagógica como um meio de transferir valores morais e disciplinares para os que frequentam as escolas; são valores carregados de práticas discursivas intencionais. Sendo a pedagogia entendida como prática social e agente transformadora de subjetividades, onde estão presentes os processos de agenciamentos coletivos, de produção e reprodução de disciplinamento, normas, privilegiamentos de saberes... E que se materializam através das relações de poder no ambiente escolar pelas práticas discursivas e não discursivas.

Dessa forma, esse trabalho traz como objetivo, compreender de que maneira essas práticas, nos moldam e interferem na formação das subjetividades, para que a partir daí possa se perceber o que está implícito por trás de toda essa teia de relações de poder por parte da escola, para que possamos compreender as instâncias de poder que nos constitui como sujeitos atuantes na sociedade e que lugar a instituição escolar ocupa na configuração social da atualidade. Para tal pesquisa foi utilizado como aporte teórico (Foucaut, 2006; Veiga - Neto, 2001)

Metodologia:

Este artigo baseia-se em reflexões acerca das relações de poder em obras de MichelFoucault, a partir de suas considerações sobre poder – saber; foi utilizado como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica , pesquisa de campo realizada na Universidade do Estado do Rio Grande do

Norte (UERN) além de observações diárias neste mesmo ambiente , assim como também conversas informais realizadas com professores da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte na cidade de Pau dos Ferros RN.Com o intuito de perceber que meios se institui os mecanismos de poder que delimitam padrões de comportamentos e de posturas fazendo com que sejam privilegiados alguns grupos em detrimentos de outros.

Resultados e discussões:

A problemática em torno da obra de Michel Foucault sobre saber e poder gera inúmeras discussões se tratarmos da relevância dos discursos proferidos através da instituição escolar como forma de transformação da sociedade, pois se a escola é um lugar privilegiado por abrigar um grande número de pessoas em seu interior, esta detém uma força fundamental na formação das subjetividades já que para Foucault (2006) “é justamente no discurso que vem a se articular poder e saber”.

Dessa forma, esses discursos muitas vezes são conduzidos de maneira a definir lugares específicos a cada um; mostram-se com força pelo fato de não encontrar resistências por parte dos mais fracos socialmente, pois o poder não aparece de forma autoritária e nem repressiva, mas de uma forma que faz com que as pessoas se submetam sem perceber que estão moldadas por uma força maior, pois

> O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir. (FOUCAULT, 2006, p.08)

As formas de poder implícitas no âmbito escolar aparecem de maneira que o sujeito não perceba seu estado de dominação, pois este poder se dá de forma sorrateira, fazendo com que haja uma alienação em torno do que é posto como verdade. Não aparece através da força física, da agressão, mas de forma que o sujeito o veja como algo que lhe trará benefícios, que o faça acreditar em liberdade, pois o domínio através do intelecto é mais difícil de resistir do que o domínio pela força física. Por isso

> Uma relação de violência age sobre um corpo, sobre as coisas; ela força, ela submete, ela quebra, ela destrói; ela fecha todas as possibilidades; não tem, portanto, junto de si, outro pólo senão aquele da passividade; e, se encontra uma resistência, a única escolha é tentar reduzi-la. Uma relação de poder, ao contrário, se articula sobre

> dois elementos que lhe são indispensáveis por ser exatamente uma relação de poder: que “o outro” (aquele sobre o qual ela se exerce) seja inteiramente reconhecido e mantido até o fim como sujeito de ação; e que se abra, diante da relação de poder, todo um campo de respostas; reações, efeitos, invenções possíveis (Foucault, 2006, p. 243).

A escola enquanto organização social tem a função de disciplinar os indivíduos através de práticas discursivas que faz com que estes se apropriem de determinados discursos que visam transformar as pessoas de acordo com o que delas se esperam socialmente, para que sirvam a determinadas instâncias de poder. Pressupondo a dominação de uns sobre outros. Para isso são produzidas verdades pelos que se julgam detentores do saber, que são validadas e aceitas pelos que estão submetidos a esta forma de poder, agindo como um dispositivo para dizer o que deve ser dito, feito ou pensado, domesticando os sujeitos aos padrões sociais considerados “normais”. Sobre isso Foucault vai dizer que

> “O importante creio, é que a verdade não existe fora do poder ou sem poder (não é - não obstante um mito, de que seria necessário esclarecer a história e as funções – a recompensa dos espíritos livres, o filho das longas solidões, o privilégio daqueles que souberam se libertar). A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. (FOULCAULT,2006,P.12)

Sendo o sujeito, fruto das relações sociais, este interfere de forma direta na sociedade no qual está inserido e é por ela modificado. Dessa forma, se estabelece uma teia de relações que forma a subjetividade e consequentemente constitui o sujeito, sendo a escola a principal instância transformadora desse sujeito. Pois esta, não transmite os conhecimentos apenas com a finalidade de que o aluno adquira conhecimentos que lhe sirvam de suporte em sua vida social, mas sim para que esteja adequado ao que se espera dele.

> A escola moderna é o *locus* em que se dá de forma mais coesa, mais profunda e mais duradoura a conexão entre poder e saber na Modernidade. [...] funcionando, assim, como uma máquina de governamentalização que consegue ser mais poderosa e ampla do que a prisão, o manicômio, o quartel, o hospital (Veiga-Neto, 2001, p. 109).

Para melhor compreender o poder disciplinar, tomamos como exemplo o panópticon de Jeremy Bentham, que propõe um tipo de disciplinarização através de uma torre de controle que segundo Foucault bastaria colocar um vigia na torre e em cada cela trancar um indivíduo (um aluno, um delinquente, um louco). Dessa forma

> O princípio é: na periferia, uma construção em anel; no centro, uma torre; esta possui grandes janelas que se abrem para a parte interior do anel. A construção periférica é dividida em celas, cada uma ocupando toda a largura da construção. Estas celas têm duas janelas: uma abrindo-se para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, dando para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de um lado a outro (Foucault, 2006).

Sob esta tecnologia, os sujeitos são mantidos sob frequente vigilância no qual estão submetidos a um olhar permanente por parte dos que se julgam detentores do saber, mesmo que não se saiba em que momento está sendo vigiado.

Fazendo uma analogia com a instituição escolar pode-se perceber que o aluno ao ser cobrado através de avaliações no intuito de medir seus conhecimentos, se vê obrigado a cumprir com esses deveres sobre a pena de ser punido caso não aja de acordo com o esperado. Dessa forma, o aluno não será obrigado a estudar através da força física, mas sabe que será cobrado e punido se não agir de acordo com o q dele se espera.

Portanto, o aluno é condicionado a internalizar que esta cobrança é para seu próprio benefício, pois ele sabe que estará sendo vigiado e consequentemente punido através de notas e reprovações que acarretará no seu desempenho tanto em nível acadêmico quanto pessoal, social; sendo que nos dias de hoje somos julgados e rotulados pelo que representamos ser, por isso nos é cobrado sempre melhor desempenho diante de todas as tarefas que nos são impostas. E a escola valida os conhecimentos dos seus alunos considerando-os necessários ou não ao que deles a sociedade espera. São essas forças que se fazem presentes a toda hora nos subordinando ao poder autoritário da instituição escolar.

Conclusão:

Sendo assim, compreendemos que os diversos discursos proferidos no ambiente escolar como forma de disciplinamentos e necessidades de

determinados conhecimentos para que sirvam a determinadas instâncias, são impostos de maneira que o aluno internalize que necessita desse disciplinamento para o seu próprio progresso social, ficando assim, totalmente submisso a esta forma de poder sutil e ao mesmo tempo autoritária.

REFERÊNCIAS:

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** Editora Graal,2006; 22.ed. São Carlos.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Incluir para excluir**. *In*: LARROSA, Jorge; SKLIAR Carlos.*Habitantes de Babel**:*** ***políticas e poéticas da diferença***. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.